

Sociabilidades juvenis e o uso de tecnologias na cidade¹

Amanda Nogueira de OLIVEIRA²

Alexandre Almeida BARBALHO³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

As tecnologias têm se inserido não apenas como ambiente comunicacional, mas também como espaço de mediação entre o físico e o não-presencial, possibilitando experiências diferenciadas na cidade. Como isto afeta as sociabilidades juvenis? Em que se transformam os corpos desses jovens, na metrópole, por meio do contato com os dispositivos tecnológicos? Este artigo propõe introduzir uma reflexão teórica sobre a experiência dos jovens na metrópole tomando como ponto de partida sua relação com as tecnologias móveis. Como quadro teórico de referência, a pesquisadora toma como base autores como Machado Pais (1993), Filho (2007) e Campos (2013) para dialogar sobre juventudes; Simmel (1983), Magnani (1993) e Sibilía (2002) sobre sociabilidades; Canclini (2008) e Baudrillard (2010) sobre consumo; Di Felice (2009), Argan (1998) e Sennet (2010) sobre cidades.

Palavras-chave: juventudes; sociabilidades; consumo; cidade; tecnologias.

Introdução

Caminhar pelo espaço urbano oferece múltiplas formas de vivenciar a cidade. A cidade, neste caso a metrópole, formada por bairros, ruas, avenidas, espaços de passagem e permanência, locais de sociabilidade e abstração, resulta em experiências que acontecem de forma única e diferenciada para cada habitante.

É frenética a exposição desses indivíduos a imagens e situações, aos barulhos e conflitos sociais próprios de um meio urbano, assim como às relações cotidianas geradas por esse ato de experimentar a cidade. Metrópole esta que também vivencia momentos de pausa, de corte, de espaços habitados por pessoas que a experimentam de forma mais lenta e gradual.

São indivíduos que, assim como destacado, no convívio com as cidades modernas, transformam sua relação com o meio urbano de formas bastante diferenciadas. Cada indivíduo nutre uma relação própria com a cidade e com outros indivíduos.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da UFC, email: olivanog@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Mestrado em Comunicação da UFC e do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), email: alexandrealmidabarbalho@gmail.com.

Partindo do que Argan (1998) explicita, para a compreensão sobre as formas urbanas de vida de uma determinada sociedade, o estudo da experiência urbana individual deve ser o primeiro passo. No entanto, ainda de acordo com Argan (1998), esta experiência individual é, ao mesmo tempo, resultado de escolhas individuais e nem por isso concebida como resultado de formas aleatórias. Magnani (1993) esclarece que as experiências com a cidade são “resultado de rotinas cotidianas, ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade” (p. 13).

Os jovens, neste contexto, acabam tendo inserção especial na discussão sobre a relação indivíduo e cidade. Durante todo o século XX, uma série de pesquisadores, sociólogos, antropólogos, teceu estudos na perspectiva de compreender a relação desse jovem com seu coletivo, seja nos meios rural e urbano e, mais precisamente a partir da década de 1980, com as tecnologias.

Não se pode esquecer que no começo dos estudos sobre juventudes, pesquisadores do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, baseavam-se já em um tipo de tecnologia, bem difundido principalmente no ocidente, o cinema do pós-guerra, para também discutir sobre o perfil dos jovens da época (FILHO, 2007).

Ao final do século, a relação dos jovens com os meios tecnológicos inspirou a criação de nomenclaturas específicas, tais como geração X e Y, culminando no que seria o surgimento de uma geração digital – nomenclatura esta utilizada por Campos (2011). A vivência no mundo digital extrapola os dispositivos tecnológicos. E a cidade se torna, também, uma forma de exercício desta vivência.

No caso dos jovens, esta relação com a tecnologia e a cidade é ainda mais intensa. Exemplo disso é a representatividade desta categoria social no número de acessos a dispositivos móveis, particularmente celulares, nos centros urbanos. Em 2008, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) investigou, pela segunda vez, como tema suplementar, o acesso à Internet e a posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Quanto ao acesso de telefones móveis celulares por jovens, a pesquisa mostrou uma linha crescente de usuários por faixa etária, alcançando seu ápice no período de 25 a 29 anos⁴.

Suscita-nos, a partir disso, perguntar que tipos de apropriações do espaço urbano das cidades acontecem pelos indivíduos, particularmente jovens, e seus pares? Como se dão as

⁴ IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

relações de seus habitantes com os cenários em que vivem? Como as tecnologias afetam essas relações, principalmente as entre os jovens habitantes da cidade?

Este artigo intenta realizar uma reflexão inicial acerca dessas indagações, objetivando criar um ponto de partida para a investigação das relações resultantes entre jovens, por meio do uso de tecnologias móveis no âmbito da cidade, na contemporaneidade.

O corpo na cidade

As cidades contemporâneas têm estrutura corpórea. Os termos veias e artérias foram ressignificadas pelas cidades e eles são utilizados como alternativas populares para nomear as vias de locomoção dos centros urbanos. Esta estrutura é resultado, principalmente, dos estudos modernos sobre o corpo humano, com as pesquisas sobre o movimento do sangue pelo corpo e do pulsar do coração.

O ponto de partida para essa nova forma de pensar a cidade está nas pesquisas científicas sobre o corpo e, mais precisamente, com os estudos do cientista William Harvey, por meio de sua obra “De motu cordis”, em 1628 (SENNETT, 2003). O corpo neste momento ganha foco. Distancia-se da alma. A sociedade centra-se no indivíduo. E esta compreensão do corpo coincide, justamente, com o advento do capitalismo moderno e o nascimento de uma enorme transformação social: o fortalecimento do individualismo (SENNETT, 2003).

A cidade, como o corpo, é também cheia de multiplicidades. Ao se deixar flunar pela cidade, como um *flâneur*, o indivíduo acaba se deixando levar por esse caráter multifacetado, por meio de suas cores, cheiros, sabores, sentidos múltiplos, talvez se deparando com uma outra cidade. Não aquela em que vive, mas a que, por viver nela, justamente não a vê. O que se percebe é que o indivíduo tece, cada vez mais, sua experimentação mediada pelas tecnologias, o que faz com que outros tipos de cidade se ergam perante os seus sentidos.

Talvez estejamos vivenciando uma espécie de fim de um tipo característico de experiência urbana. Principalmente nos centros urbanos, em locais de passagem, onde indivíduos se deslocam em um ritmo acelerado em meio à necessidade de se chegar ao ponto final de seu trajeto, seja o trabalho, a escola, espaços de lazer, dentre outros afazeres, perde-se, em parte, a permanência, a experiência da ação de cruzar olhares e do despertar de curiosidades dos seres andantes com relação às pessoas e aos espaços que percorrem.

As novas práticas comunicacionais dos indivíduos estão propiciando experienciar um outro tipo de relação com a cidade. Há um constante pulsar de imagens e sensações direcionadas aos que nela habitam. Expõe Di Felice (2009),

as praças, as ruas, as avenidas, deixam de serem os lugares únicos da experiência social urbana e passam a ser flanqueados por outras espacialidades imateriais e informativas (publicidades, imagens, luzes, paisagens sonoras etc.) que se sobrepõem, criando metageografias e novas experiências de habitar (DI FELICE, 2009, p. 153).

E não apenas a própria cidade proporciona este bombardeio de informações. O uso de dispositivos tecnológicos nos enche de variadas sensações audiovisuais. Trafegando com estes dispositivos pelos meios urbanos, ouvimos músicas, trocamos ou divulgamos informações, ou mesmo fazemos o registro desta cidade, por meio de fotografias, vídeos, áudios, dentre outras formas de experimentação tecnológica.

Nosso corpo curvado se volta para baixo. Curvados olhamos para o chão, como que distantes da experiência do olhar a cidade, para, na verdade, vivenciar um mundo paralelo. As mãos exercem função primordial neste tipo de relação, por meio do uso dos teclados dos dispositivos híbridos móveis, seja os já adequados ao cotidiano dos transeuntes das pequenas, médias e grandes cidades, os aparelhos celulares, ou mesmo outras espécies de tecnologias inseridas na cidade, como o tablet, utilizadas em um primeiro momento como dispositivo de leitura.

Tempo e espaço também se confundem nesse ordenamento tecnológico. O corpo trafega no espaço físico e não-presencial, de acordo tanto com um tempo determinado pelo seu trafegar pela cidade, como também pelo tempo criado pela cidade diretamente para o seu corpo. Como exemplo de tempo que é criado para o agir do corpo está o trabalho que o domestica. Já como exemplo para este corpo que cria seu próprio tempo está o seu caminhar pela cidade e pelos ambientes comunicacionais, que se situam como zonas paralelas e, em certos pontos, congruentes ao corpo físico que trafega.

Com relação a este uso das tecnologias e de seus dispositivos resultantes, Paula Sibilia (2002) observa que o corpo dos homens e mulheres também está constantemente em transformação. Destaca que,

existem agenciamentos coletivos, usos e apropriações das tecnologias por parte dos sujeitos, que, por sua vez, também vivenciam seus efeitos em seus próprios corpos e subjetividades. Os aparelhos e ferramentas exprimem as formas sociais que os produzem e lhes dão sentido, formando redes, teias de pensamento, matrizes sociais,

econômicas, políticas, que permeiam o corpo social inteiro e estão inextricavelmente ligadas às novas tecnologias (SIBILIA, 2002, p. 11).

São várias as formas de sociabilidades que surgem entre os usuários destes dispositivos tecnológicos. Para Argan (1998), “a cidade deixa de ser lugar de abrigo, proteção, refúgio e torna-se aparato de comunicação; comunicação no sentido de deslocamento e de relação, mas também no sentido de transmissão de determinados conteúdos urbanos” (p. 235).

Simmel (1983), teórico que inaugura os estudos sobre sociabilidade, observa que este fenômeno acontece a partir do “estar com um outro, para um outro, contra um outro” (p. 168). Assim, a sociabilidade acontece a partir das relações individuais de uns com outrem. E esta relação se baseia, principalmente, nas personalidades dos indivíduos que se relacionam.

Schutz (1979) também discute a perspectiva relacional dos indivíduos estabelecendo que o corpo se torna dispositivo fundamental no processo de conhecimento do outro. Ele esclarece que as relações sociais se concretizam a partir dos atos comunicativos recíprocos entre o “Eu” e os outros. Interessante aqui destacar que o corpo é também resultado de sua relação com a cidade e que esta relação acaba se tornando predominante nos processos de conhecimento do outro.

Inserido na perspectiva do encontro, no qual se é travado o conhecimento do Eu para com os outros, é também fato que “dentro do ambiente comum qualquer sujeito tem seu ambiente subjetivo particular, seu mundo privado, originalmente dado a ele, e a ele somente” (SCHUTZ, 1979, p. 161). Isso nos traz a ideia de que por mais que os ambientes da metrópole sejam suscetíveis ao travamento de sociabilidades, o indivíduo também guarda para si memórias e sensações que não necessariamente são expostos ao outro, o que demarca sua individualidade.

As estratégias de sociabilidade se confundem, em certo ponto, com as possibilidades de visibilidade deste ser que habita os ambientes de comunicação não-presenciais. Na contemporaneidade, a intimidade vai ganhando nova forma. O ser tecnológico tece novos tipos de relações sociais.

Hoje, o indivíduo cria e estreita relações de amizade também pelos dispositivos tecnológicos, sem necessariamente tecê-la de forma presencial. Giddens (1991) destaca que, nestas formas de relacionamento interpessoal, gera-se uma sensação de segurança cotidiana,

uma certa confiabilidade, “mas por sua própria natureza ela não pode fornecer nem a mutualidade nem a intimidade que as relações de confiança pessoal oferecem” (p. 127).

Para além da função própria de ambiente de sociabilidade, a cidade é, também, o que suscita o diálogo e pontos de pauta, e não apenas demandas sociais. Surge a possibilidade de a cidade ser vista por um outro ângulo, que não apenas o físico e presencial. A cidade é, então, além de espaço de sociabilidade, o que motiva os discursos nos ambientes virtuais. E em grande parte, são os jovens os potenciais utilizadores e frequentadores destes ambientes.

Sobre juventudes

Ao refletir sobre as juventudes e suas interações sociais, torna-se necessária a compreensão de que os pensamentos, ações, atitudes, sensações e formas de ver e viver deste público são plurais, tendo sido constituído academicamente como cultura apenas há pouco tempo.

É interessante observar que os estudos sobre juventudes acontecem, em um primeiro momento, com a Escola de Chicago, originada na década de 1930 (OLIVEIRA, 2008). Tanto a sociologia como a antropologia já ensaiavam a discussão sobre essa temática, no entanto foi com apenas com a primeira que estudos mais aprofundados aconteceram.

Apenas a partir da metade do século XX, o termo subcultura começa a ser usado para designá-la, delimitando os representantes juvenis a pequenos grupos, ou afirmando a não existência de uma cultura totalmente desenvolvida (FILHO, 2007; PAIS, 1993). E somente ao final do século XX, a antropologia aprofunda estudos sobre a temática, ensaiando a criação do que se poderia chamar de antropologia da juventude, sendo necessário, para embasar pesquisas antropológicas sobre as culturas juvenis, que os pesquisadores, sobre a temática, direcionem o enfoque no estudo da construção cultural da juventude e no estudo da construção juvenil da cultura (CAMPOS, 2010).

Após os estudos sobre as juventudes começarem a focar o cotidiano dos jovens e suas formas de interação, obtém-se então o conceito de culturas juvenis (PAIS, 1993). Hoje, as pesquisas nessa área discutem os jovens como agentes na sociedade, seja nas metrópoles e suas periferias, no contexto urbano ou rural, como também na perspectiva do consumo simbólico e cultural, no envolvimento na participação política, entre outras esferas de atuação.

Com relação ao termo juventudes, devemos dar atenção à pluralidade de significados da palavra e principalmente dos atores e atrizes sociais que compõem esta categoria. De cada recorte sociocultural, seja classe social, etnia, religião, gênero, mundo urbano ou rural, são diversos os indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, culturas e sentimentos próprios (NOVAES e VITAL, 2005).

Também segundo Machado Pais (1993) as juventudes não são uma categoria una. Existem diferenciações e, para que estas sejam constatadas, é necessário traçar um olhar metódico sobre seus modos de vida, suas estratégias e práticas cotidianas “tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais as suas possíveis involuções ou generalizações” (PAIS, 1993, p. 56).

Com as tecnologias, este âmbito evolui e as pluralidades se multiplicam tanto no aspecto relacional, em diálogo com outras juventudes, assim como na forma como esses jovens se visualizam.

Estratégias de sociabilidade

Assim como as tecnologias de informação e comunicação acabam delineando as relações e afetos dos indivíduos com a cidade, são também os próprios indivíduos que se tornam híbridos nesta relação. É de se destacar que o uso da metrópole é constantemente mediado por meio dos dispositivos tecnológicos. Não apenas no centro, mas também nas periferias. E as estratégias de consumo continuam acontecendo nos dois âmbitos.

Dentre os indivíduos que hoje mantêm esta aproximação com as tecnologias, são os jovens que melhor se adequam ao seu uso. Campos (2011) enaltece esta perspectiva observando que, atualmente, surge uma espécie de geração digital, estabelecida por indivíduos “perfeitamente familiarizados com os códigos e com os processos de gestão da informação audiovisual em circulação por múltiplas redes” (p. 25). Esta geração acaba por também se caracterizar como mentora do processo de inclusão digital de seus pais e avós, auxiliando-os a utilizar os mecanismos tecnológicos e suas linguagens.

Sendo os jovens que lidam cotidianamente com a perspectiva do consumo, são as tecnologias que, muitas vezes, tornam-se foco para esta categoria social. As discussões atuais sobre o consumo demonstram a visão de que ele é resultado e proporcionador de uma constante necessidade de inserção dos indivíduos nos grupos sociais imersos da sociedade contemporânea. Baudrillard (2010) tece um tratado sobre o assunto, demonstrando que a própria sociedade pode ser considerada refém do modelo de consumo criado por ela,

estabelecendo que, de forma mais profunda, “a sociedade do crescimento constitui o contrário de uma sociedade em abundância” (2010, p.74).

Pode-se dizer que vivemos, de fato, em uma sociedade em que o consumo dos artefatos tecnológicos não acontece da mesma forma. É certo que nem todos têm acesso ao que é produzido no que diz respeito às tecnologias, e aos dispositivos criados continuamente como forma de modernização do consumo.

Entende-se aqui, também, que a necessidade do consumo não se esgota nas necessidades vitais. O essencial pode até ser invisível aos olhos, mas tende a ser estampado nas vitrines e propagandas televisivas, em conjunto, também, com o supérfluo e o efêmero, demonstrando que a vontade de consumir é perene, independente do que seja realmente necessário.

A necessidade do consumo se confunde com o ideal para ser feliz na contemporaneidade. Não se consome apenas como necessidade. A estratégia do consumo é ir além, não se esgota. E assim como citado anteriormente, permanecemos constantemente bombardeados de informações audiovisuais no contato com o meio urbano, o que implica na motivação constantemente presente para o consumo.

Em uma perspectiva próxima à de Baudrillard, mas em confluência com as novas multiplicidades sociais, Canclini (2008) também dialoga sobre o consumo como satisfação de necessidades, seja individuais ou coletivas. Para o autor latinoamericano,

Nós, seres humanos, intercambiamos objetos para satisfazer necessidades que fixamos culturalmente, para integrarmo-nos com outros e para nos distinguirmos de longe, para realizar desejos e para pensar nossa situação no mundo, para controlar o fluxo errático dos desejos e dar-lhe constância ou segurança em instituições e rituais (CANCLINI, 2008, p.71).

No contexto urbano, o uso dos dispositivos híbridos móveis são reconfigurados e transformados em ferramentas de representação social. O consumo aqui é estabelecido como uma forma de comunicação, não apenas pelo uso essencial que se faz das tecnologias de informação e comunicação, que é o de transmitir informações e receber outras. Mais precisamente o celular, devido à sua enorme variedade de formatos, cores, texturas, é também configurado como uma espécie de passaporte para a inserção dos indivíduos em seus nichos sociais e como ferramentas de sinalizações identitárias, assim como ressalta Baudrillard (2010),

nunca se consome o objecto em si (no seu valor de uso) – os objectos (nos sentido lato) manipulam-se sempre como signos que distinguem o indivíduo, quer filiando-o no próprio grupo tomado como referência ideal quer demarcando-o do respectivo grupo por referência a um grupo de estatuto superior (BAUDRILLARD, 2010, p.66).

Observa-se até aqui que o consumo pode ser considerado uma estratégia de sobrevivência social e de construção de sociabilidades. No entanto, e os que não conseguem se inserir em determinados tipos de consumo perante a sociedade a que pertencem? Os jovens são os que mais utilizam as tecnologias e os que mais vivenciam as diferentes formas de uso da cidade por meio destes dispositivos. Em certos casos, o jovem conectado somente se vê inserido em seu grupo social se começa a utilizar ou o dispositivo híbrido mais atual ou que o que tenha mais funções.

Tomado como estratégia de sobrevivência por aquele nicho, o jovem que é adepto daquela tecnologia terá maior permanência e voz. São estratégias de sociabilidade entre os jovens, no contexto urbano, que são determinadas pelo uso de tecnologias.

É essencial entender que em tempos de sociabilidades, interações e interatividades, compartilhamentos de informações e oportunidade de conectividades prolongadas na comunicação, acumular “capital tecnológico” é uma forma dos indivíduos distinguirem-se nos mais variados campos, inclusive no campo social (ROCHA e PEREIRA, 2010). E no caso dos jovens, na construção de uma relação frenética com a cidade, para eles, este meio urbano acaba se firmando, simultaneamente, como palco e como tela, no caso, para que este ser jovem use, pinte, absorva, construa essa cidade e crie suas próprias experimentações (CAMPOS, 2011).

A cidade vira espaço de construção de representações identitárias, como espaço de confluências individuais e em grupo, de exposição de imagens diferenciadas, de construções de relações, suscitadas também a partir do uso e consumo das tecnologias no meio urbano.

Ambientes em construção

As discussões sobre juventudes e suas relações com e por meio dos aparatos tecnológicos não se esgotam. Cotidianamente, jovens de diversos lugares do mundo experimentam formas de contato com outros jovens, dentre outros indivíduos, por meio das mais variadas tecnologias, dentre elas dispositivos híbridos móveis, que acabam sendo

configurados também como uma extensão social corpórea. Extensão esta que também delimita as relações sociais exercidas por esses jovens.

E o contato das juventudes com a cidade também permanece em constante mutação. Essa cidade que se configura como espaço de convívio e como foco de registros a serem reproduzidos em rede. Também é na cidade que esta categoria social se divide e se multiplica, de acordo com eixos de atuação, comportamentos, proximidades de estilos e pensamentos, dentre outras possibilidades. No entanto, a cidade também pode se configurar como mais um dispositivo, não necessariamente exercendo influência territorial neste convívio.

O corpo social transcende e permanece em constante transformação na perspectiva tecnológica. Assim como observa McLuhan (2009), “como todos os meios são fragmentos de nós mesmos projetados no domínio público, a ação que qualquer meio exerce sobre nós tende a aglutinar os demais sentidos numa nova relação” (p.299). Assim também acontece com as juventudes. São novos hábitos, costumes, atitudes, atos que são construídos e reconstruídos nesta perspectiva tecnológica.

Os jovens, na contemporaneidade, assim como os diversos indivíduos que imergem nesta seara, têm seus corpos e ações constantemente virtualizados. As possibilidades de rastreamento e de obtenção do registro de suas micropráticas também podem ser encontrados em rede (SIBILIA, 2002). Exemplo disso é a construção de uma sociedade amplamente vigiada, em que crianças e adolescentes se tornam potenciais protagonistas.

Cada vez mais, pais e mães são incentivados a permanecerem atentos à utilização, pelos seus filhos ainda crianças, dos aparatos tecnológicos, principalmente quando conectados em rede. Isso acontece ao mesmo tempo que estas crianças, adolescentes e jovens são constantemente incentivados ao consumo destes aparatos. Isso evidencia o caráter plural e em constante transformação pelo que passam os ambientes comunicacionais.

São plurais as possibilidades de reflexão acerca desta temática e constante a necessidade de discutir sobre o uso das tecnologias nos grandes centros, principalmente quando relacionado às juventudes, e especificamente por esta ser a categoria social que amplamente utiliza os dispositivos tecnológicos na contemporaneidade.

Entende-se assim a necessidade de amplificar tais estudos a fim de que compreendamos as formas como tais mecanismos tecnológicos são utilizados pelas juventudes contemporâneas, identificando como os representantes desta categoria, assim

como suas ações, assemelham-se e divergem, e investigando o que resulta a partir do caráter relacional provocado por essas esferas tecnológicas de comunicação entre os jovens.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CAMPOS, R. **Identidade, imagem e representação na metrópole**. In: Campos, Ricardo M. O; Brighenti, Andrea; Spinelli, Luciano. Uma cidade de imagens. Produções e consumos visuais em meio urbano. Lisboa: Mundos Sociais, 2011.

_____. **Porque pintamos a cidade? Uma abordagem etnográfica ao graffiti urbano**. Lisboa: Fim de Século, 2010.

DI FELICE, M. **Paisagens Pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

FILHO, J. F. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MAGNANI, J. G. **A rua e a evolução da sociabilidade**. In: Cadernos de História de São Paulo 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

NOVAES, R. & VITAL, C. **A juventude de hoje: (re)invenções da Participação social**. In A. A. THOMPSON (Ed.) Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo: Peiropólis, 2005.

OLIVEIRA, A. A. **Trajetórias juvenis nas ondas da rádio-escola**. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará, UFC, 2008.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

ROCHA, E. & PEREIRA, C. **Sociabilidade e novas tecnologias: os significados do consumo entre os jovens**. In M. BARBOSA & O. J. MORAIS. Comunicação, Cultura e Juventude. São Paulo: Intercom, 2010.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SENNETT, R. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SIBILIA, P. **O Homem Pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SIMMEL, G. **Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal.** In: Moraes Filho, Evaristo (org.). Simmel. São Paulo: Ática, 1983.